

Podemos falar verdadeiramente aquilo que não pode ser?

Guilherme Araújo Cardoso¹

Resumo: Neste artigo, pretendo apresentar uma proposta para o conceito de verdade, segundo a qual podemos falar verdadeiramente coisas impossíveis e irreais, incluindo contradições verdadeiras. Tentarei distinguir a minha proposta das teses dialeteístas e inefabilistas. Os dialeteístas afirmam que algumas contradições são realmente verdadeiras, enquanto os inefabilistas alegam que não podemos falar consistentemente acerca da verdade, devido aos limites da nossa linguagem. Minha posição está baseada em um framework semântico paraconsistente e para completo que chamei de Lógica das Verdades Impossíveis. Não entrarei nos detalhes técnicos, entretanto, irei apenas trabalhar os aspectos conceituais da proposta. O truque essencial consiste em uma definição de verdade inspirada em Austin (2010) e na Teoria de Situações de Barwise e Perry (1999). Grosso modo, toda proposição classifica alguma situação e ela é verdadeira se a classifica como é. Verdades impossíveis classificam corretamente situações impossíveis, mas nenhuma verdade impossível classifica situações reais.

Palavras-chave: Contradições. Impossibilidades. Situações. Verdade. Dialeteísmo. Inefabilismo.

1 CONTRADIÇÕES, PARADOXOS E OUTRAS IMPOSSIBILIDADES

Seria possível subir uma escada de quinze degraus, em que cada degrau é mais alto do que o anterior, mas o décimo quinto andar coincide com o primeiro degrau? Seria uma escada infinita, uma escada que você nunca terminaria de subir, mas com apenas 15 degraus, uma escada circular. Você consegue imaginar a situação? A Fig. 1 a seguir, inicialmente criada por Oscar Reutersvärd, pode ajudar.

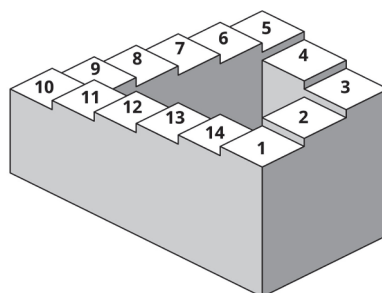


Fig 1. A Escada de Penrose

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, 2016. Professor de Filosofia na Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: guilherme.cardoso@ufop.edu.br.

A Escada de Penrose, como ficou conhecida, ilustra uma situação impossível. A ilustração não é, ela mesma, impossível (ela está aí), mas ela ilustra uma impossibilidade. Se o segundo degrau é mais alto do que o primeiro degrau e o terceiro degrau é mais alto do que o segundo, então, pela transitividade da relação “x é mais alto do que y”, o terceiro é mais alto do que o primeiro. Seguindo o mesmo raciocínio para todos os degraus, conclui-se que o primeiro degrau (que é também o décimo quinto) é mais alto do que o primeiro degrau. Por razões óbvias (a irreflexividade da relação), entretanto, nenhum degrau pode ser mais alto do que ele mesmo. Temos aqui uma contradição, uma afirmação do tipo $A \ \& \ \neg A$ (algum degrau é mais alto do que ele mesmo, mas nenhum degrau é mais alto do que ele mesmo).

Contradições são tradicionalmente tomadas como inquestionavelmente falsas, caracterizam um limite lógico para a verdade, um absurdo, o pior resultado possível para uma teoria ou para um raciocínio. Mas a Escada de Penrose é assim, ela ilustra uma situação impossível, as verdades sobre ela são impossíveis, são verdades impossíveis. Estranhamente, sem o auxílio de Reutersvärd, teríamos dificuldade em imaginá-la. Hume chegou mesmo a formular um princípio, segundo o qual tal escada seria inimaginável (inconcebível):

É uma máxima estabelecida da metafísica que *tudo que a mente concebe claramente inclui a ideia da existência possível*, ou, em outras palavras, que *nada que imaginamos é absolutamente impossível*. Como podemos formar a ideia de uma montanha de ouro, concluímos que uma montanha assim pode realmente existir. Não somos capazes, porém, de formar a ideia de uma montanha sem um vale, e por isso a vemos como impossível (HUME, 2009), p. 58).

A ilustração de Reutersvärd parece invalidar o Princípio de Hume, mas de modo ainda mais importante, ela parece estabelecer um caso de verdades impossíveis. Claro, a Escada de Penrose não existe realmente, ela é impossível, mas nos permite representar uma situação impossível.

Em um dos mundos alternativos explorados por Alan Lightman em *Sonhos de Einstein*, a passagem do tempo é determinada pelo inverso da Entropia, acumulando ordem no universo e violando a Segunda Lei da Termodinâmica.

Quando um grupo alegre deixa um restaurante, as mesas estão mais limpas do que antes. Quando um vento sopra suavemente na rua, a rua fica limpa, a sujeira e a poeira são levadas para a periferia da cidade. Quando a maré explode na costa, a costa se reconstrói. Quando as folhas caem das árvores, as folhas alinham-se como uma revoada de pássaros em formação V. Quando as nuvens adquirem a forma de rostos, os rostos permanecem. Quando um cano solta fumaça em uma sala, a fuligem concentra-se em um dos cantos, deixando o ar limpo. Sacadas pintadas expostas ao vento e à chuva ficam mais brilhantes com o passar do tempo. O estrondo do trovão faz um vaso

quebrado restaurar-se, os cacos de uma peça de louça saltarem de volta para as posições exatas onde cabem e se encaixam. A fragrância de uma carroça de canela aumenta com o tempo, não se dissipa. (LIGHTMAN, 1993, p.64)

O mundo de Lightman é estranho, fisicamente impossível, mas podemos representá-lo, imaginá-lo e até mesmo dizer verdades sobre ele, mais uma vez, verdades impossíveis.

Considere agora as seguintes sentenças:

1. A cúpula redonda quadrada do Berkeley College é redonda e não é redonda.
2. Nada é verdadeiro.
3. A sentença (3) do presente texto não é verdadeira.
4. Se alguma contradição fosse verdadeira, então nem tudo seria verdadeiro.

As sentenças anteriores ilustram importantes paradoxos que foram explorados em Lógica, Ontologia e Filosofia da Linguagem. (1) é um exemplo dos paradoxos Meinongianos da Teoria dos Objetos. Acontece que nenhum objeto pode ser, ao mesmo tempo e sob os mesmos aspectos, quadrado e redondo, pois os quadrados, por definição, possuem quatro lados, enquanto os objetos redondos não possuem lados. Pela teoria de Meinong, entretanto, um objeto pode ser caracterizado (pode ter um ser-tal), a despeito de sua existência ou possibilidade (a despeito de não-ser ou não poder ser). A Cúpula redonda quadrada do Berkeley College é redonda no mesmo sentido em que é uma cúpula. Por outro lado, na medida em que nenhum quadrado é redondo e ela é quadrada, também não é redonda. Claro, ela não existe, mas isso não importa para a verdade de (1).²

O ser-tal de um objeto não sofre nenhum interdito pelo não-ser (Nichtsein) deste objeto. Este fato é suficientemente importante para que nós o formulemos como sendo expressamente o princípio da independência do ser-tal em relação ao ser; e o domínio de validade deste princípio se manifesta, pelo menos em vista a isso, que decorrem deste princípio não apenas os objetos que não tem existência de fato, mas também aqueles que não podem existir porque são impossíveis. Não apenas a célebre montanha dourada é de ouro como o círculo quadrado certamente é tanto quadrado quanto é redondo. (Meinong, 2005, p.100)

2 Existem muitas outras teorias para o tratamento dos nomes vazios. Por exemplo, para Frege (2009), (1) não teria valor-verdade, pois o nome não refere e a sentença não possui referência se uma parte sua não refere. Para Russell (1905), (1) seria falsa, pois as descrições definidas não podem ser analisadas como nomes e a forma lógica da sentença envolveria, como parte de uma conjunção, a afirmação da existência da Cúpula redonda quadrada. Muitas outras teorias foram propostas, mas estou pressupondo aqui que a teoria Meinongiana dos objetos captura intuições importantes sobre os nomes vazios da linguagem natural e do conceito natural de verdade. Para uma discussão mais aprofundada desse pressuposto, ver Cardoso, G.; Lages, F. (2025).

Um aspecto muito consensual sobre o predicado “verdadeiro” é a sua transparência. Formalmente, a transparência do predicado pode ser expressa pelo, assim chamado, Esquema T de Tarski, segundo o qual, dada uma sentença A qualquer e sendo T o predicado “é verdadeira”:

(T) T(“A”) se, e somente se, A.

Ou seja, a sentença T(“A”) equivale³ à sentença A. Assim, por exemplo, “a neve é branca” é verdadeira sse a neve é branca e “a neve é verde” é verdadeira sse a neve é verde.⁴ A transparência é um aspecto muito compartilhado sobre a verdade, não apenas pelas assim chamadas teorias realistas da verdade, como o Correspondencialismo, mas também pela Teoria da Coerência, a Teoria da Redundância e pelo Deflacionismo.⁵

Estranhamente, (2) parece desmentir a transparência da verdade. (2) expressa uma tese conhecida como o Niilismo da Verdade (ou Niilismo Alético), segundo o qual não existem verdades e, portanto, nada é verdadeiro. Ora, se nada é verdadeiro, então não pode ser verdadeiro que nada seja verdadeiro. Por outro lado, se nada é verdadeiro, então é verdade que nada é verdadeiro. Claro, se você é um niilista sobre a verdade, você certamente gostaria de rejeitar a transparência da verdade, mas de algum modo sustentar, paradoxalmente, a verdade do Niilismo sobre a verdade. Niilistas estariam dispostos, em algum sentido, a afirmar uma verdade impossível. Se você não é um niilista sobre a verdade (seja bem vindo!), considere alternativamente um mundo em que nada existisse (nada fosse), o cenário metafisicamente solene e horripilante do nada. Talvez o nada não seja possível, mas parece acertado dizer sobre esse mundo que nada é verdadeiro. Que me desculpem os Carnapianos, estou levando a sério a hipótese Meinonguiana de que podemos falar com sentido sobre aquilo que não existe, mesmo sobre aquilo que nem poderia ser. Seja como for, mesmo para um austero Tarskiano, deve haver qualquer erro sintático em (2) que nos proíba de acarretar uma contradição a partir do Esquema T.⁶

A sentença (3) é uma ilustração do Paradoxo do Mentiroso, um paradoxo conhecido por atormentar lógicos e filósofos desde a Grécia antiga. O epitáfio lendário, atribuído a Filetas de Cos, dizia “Oh! Estrangeiro: eu sou Filetas de Cos. Foi o Mentiroso e as péssimas noites causadas por ele que me fizeram morrer”. De novo, pela transparência da verdade, (3)

3 Em Tarski (1935), a equivalência em questão é a equivalência material, bicondicional. Todas as instâncias bicondicionais do esquema deveriam ser acarretadas por uma definição materialmente adequada da definição de verdade. Podemos também formular o esquema em termos de equivalência lógica. Neste ponto, estou sendo intencionalmente impreciso a respeito da forma correta da equivalência e destacando apenas a transparência do predicado.

4 Doravante, irei utilizar “sse” como uma abreviação para “se, e somente se”.

5 Cf. Haack (2002), cap.7.

6 Tarski de fato formula o esquema em termos da distinção entre linguagem e metalinguagem, de uma hierarquia de linguagens, suficiente para evitar o paradoxo em questão, mas como reconhecido por ele mesmo, a hierarquia de linguagens não se aplica à linguagem natural, por se tratar de uma linguagem semanticamente fechada. Cf. Tarski (2006), pp.32-33.

é verdadeira sse (3) não é verdadeira. Se (3) fosse verdadeira, então o que ela diz seria o caso, ou seja, (3) não seria verdadeira. Se, por outro lado, (3) não fosse verdadeira, então o que ela diz seria o caso, portanto, (3) seria verdadeira. Repare que assim formulado, no modo subjuntivo, fica claro que o raciocínio é contrafactual e mostra que tanto a suposição da verdade quanto a suposição da não verdade de (3) levam a uma contradição. Tenho defendido a tese de que (3) é uma contradição verdadeira, portanto, uma verdade impossível, mas que não é realmente verdadeira, justamente por ser impossível. A natureza contrafactual das condicionais que desdobram o paradoxo nos permitiria avaliar (3) como dizendo respeito a situações irreais. Quando supomos a verdade ou a não verdade de (3), estamos, mais uma vez, falando verdadeiramente acerca daquilo que não pode ser. Explicarei melhor a ideia de verdades irreais na próxima seção.⁷

Outro tópico onde as verdades impossíveis seriam relevantes é o das condicionais contrafactuais. Uma condicional contrafactual é uma condicional subjuntiva com antecedente falsa. (4) é um caso emblemático de contrafactual para a maioria dos filósofos e filósofas. Pelo Princípio de Não-Contradição (PNC), famosamente formulado por Aristóteles na *Metafísica*, contradições não podem ser verdadeiras. Esse princípio sedimentou a lógica por muito tempo. A título de exemplo, na Lógica Clássica, de uma contradição se pode derivar qualquer proposição. Isso ficou conhecido como uma forma de inferência válida, o *Ex Contradictione Quodlibet* ou Princípio de Explosão. Dado que na concepção clássica de validade, uma inferência ou argumento são válidos sse é impossível que suas premissas sejam verdadeiras e sua conclusão falsa, mas além disso, é impossível que uma contradição seja verdadeira, então, a fortiori, é impossível que $A \ \& \ \neg A$ seja verdadeira e B falsa, para quaisquer sentenças A e B. Parece então que, para boa parte dos filósofos e filósofas, (4) é falsa. Para eles, vale o PE e também o PNC, mas (4) desmente o PE.

Algumas lógicas recusam a validade irrestrita do PE, são as chamadas Lógicas Paraconsistentes. Para um lógico paraconsistente, (4) é verdadeira. Alguns filósofos e filósofas defendem até mesmo que algumas contradições são verdadeiras, os assim chamados dialeteístas.⁸ O problema aqui é que parece estranho que (4) seja falsa se sua antecedente não for, em algum sentido, verdadeira, mas isso não deveria contar como uma prova de que a Lógica Clássica está errada sobre o PE. Vejamos tudo isso de modo um pouco mais detalhado.

O tratamento que se tem dado às contrafactuais, baseado nos trabalhos de Lewis (1973) e Stalnaker (1968), é baseado na semântica de mundos possíveis. De modo geral, uma condicional subjuntiva $A > B$ é verdadeira sse não existe um mundo possível mais próximo em que A é verdadeira e B é falsa. Não tentarei explicar aqui o que é um mundo possível ou como

7 Para uma apresentação mais detalhada da minha abordagem ao Paradoxo do Mentiroso, ver Cardoso (2024). Existem muitas outras abordagens ao Paradoxo do Mentiroso na linguagem natural. Para uma introdução ao assunto, recomendo Cardoso (2018).

8 Para uma exposição geral e introdutória do Dialeteísmo, recomendo o verbete <https://plato.stanford.edu/entries/dialetheism/>. Para uma exposição análoga das lógicas paraconsistentes, recomendo <https://plato.stanford.edu/entries/logic-paraconsistent/>. Acesso em: 30 out. 2025.

eles podem ser mais ou menos próximos entre si.⁹ Considere apenas que uma contrafactual é falsa sse de algum modo mais próximo como as coisas *poderiam* ser, incluindo a verdade de A, B é falsa. Ora, para um defensor do PNC, a antecedente de (4) não pode ser verdadeira. Assim, *a fortiori*, (4) é verdadeira, é vacuamente verdadeira e não pode ser falsa.

Às contrafactuais com antecedente impossível dá-se o nome de contrapossíveis e não é difícil encontrar contraexemplos intuitivos à tese de que são todas vacuamente verdadeiras. Considere sinceramente as seguintes: “se 2+1 fosse 4, Deus não saberia disso”, “se nada fosse idêntico a si mesmo, tudo seria idêntico a si mesmo”, “se a direção entrópica do universo fosse invertida, tudo seria verdadeiro” e, finalmente, como um caso ainda mais espantoso, “se a direção entrópica do universo fosse invertida, nem tudo seria verdadeiro”. Tente você mesmo, estou certo de que vai encontrar exemplos pessoalmente convincentes da falsidade de contrapossíveis, depende um pouco das suas convicções metafísicas, mas não parece razoável que todas sejam vacuamente verdadeiras.¹⁰

Assim, nestes termos, um lógico paraconsistentista seria forçado a admitir ao menos a possibilidade de contradições verdadeiras, se aproximando de modo temerário da posição dialeteísta. Uma solução seria admitir mundos impossíveis entre as interpretações das contrafactuais, corrigindo assim o aspecto vacuista da abordagem de Lewis e Stalnaker. Nesse sentido, a antecedente de (4) é verdadeira em algum sentido, qual seja, como verdadeira em alguns mundos impossíveis. Para garantir a falsidade de (4), teríamos que admitir, em algum sentido, verdades impossíveis, como tenho tentado argumentar para todos os casos explorados nesta seção.

Como tentarei argumentar em seguida, embora algumas contradições (impossibilidades) sejam verdadeiras, nenhuma contradição é realmente verdadeira, eu não sou um dialeteísta!¹¹

2 A LÓGICA DAS VERDADES IMPOSSÍVEIS

Não tentarei expor neste pequeno texto, os detalhes técnicos da Lógica das Verdades Impossíveis (*The Logic of Impossible Truths*). Meu propósito aqui é apenas defendê-la como uma alternativa razoável aos problemas anteriormente apresentados.¹² Grosso modo, LIT é

9 Para uma exposição do tópico onde muitas interpretações são fornecidas, recomendo o verbete <https://plato.stanford.edu/entries/possible-worlds/>. Para a minha própria interpretação, veja Cardoso (2024).

10 Para tratamentos antivacuistas das contrapossíveis, veja, por exemplo, Nolan (1997), Bjerring (2013) e Berto et al (2018).

11 O leitor informado pode me objetar aqui, alegando que eu seja algum tipo de dialeteísta, baseando-se na distinção, proposta por Mares (2004), entre Dialeteísmo Semântico e Metafísico. Minha resposta a tal objeção pode ser encontrada em Cardoso; Lages (2025).

12 Uma exposição detalhada pode ser encontrada em Cardoso (2024 e 2025).

baseada em uma semântica de situações (como alternativa a mundos), onde a negação e a condicional obedecem regras paracompletas e paraconsistentes.¹³

Podemos distinguir as situações em categorias distintas: situações normais são aquelas que obedecem às regras lógicas de interpretação dadas por LIT. As situações anormais ou paranormais são aquelas que violam as regras lógicas de LIT, obedecem outras lógicas ou nenhuma lógica. As situações possíveis (dentre elas, as situações consistentes, onde não existem contradições) são uma parte das situações normais, a depender do tipo de possibilidade em questão. Por exemplo, as situações logicamente possíveis coincidem com as situações normais, entretanto, algumas situações logicamente possíveis são naturalmente impossíveis. As situações impossíveis (incluindo situações inconsistentes) incluem as situações paranormais e outras situações logicamente possíveis mas impossíveis em algum outro sentido (por exemplo, naturalmente impossíveis). As situações reais constituem uma parte própria das situações possíveis, afinal nem tudo que poderia ser o caso é o caso. As situações irreais incluem todas as situações possíveis e impossíveis que não sejam reais.

O truque essencial da minha proposta consiste na definição de verdade, mas antes, permitam-me introduzir algumas definições preliminares. A noção de situação utilizada aqui foi inspirada nos trabalhos de Barwise e Perry sobre a Teoria de Situações.¹⁴ Estou, entretanto, fazendo um uso livre da noção de situação, com muitas alterações conceituais e técnicas.

Situações são modos como as coisas poderiam (ou não poderiam) ser, são alternativas. Situações são representadas por conjuntos de sentenças. Diremos que uma situação satisfaz uma sentença se a sentença em questão pertence ao conjunto que representa a situação. Uma situação real (atual) é uma parte (um pedaço) da realidade, restrita pela inserção de um agente informacional e/ou por sua localização espaço-tempo.

Consider the scene in which Dudu and Dani are face to face, playing cards, in front of each other. Dudu can see his own face cards, but he can't see Dani's face cards nor the backside of his own cards. Dani has a dual perspective, seeing her own face cards but not seeing Dudu's face cards nor the backside of her own cards. Thus, Dudu sees that he has the four clubs, but only Dani sees that the backside of this card is stained with coffee. Of course, situations are not only determined by perspectives; different agents can see differently in the same location, but they share an environment, they cut different actual situations as distinct slices of the same reality. (CARDOSO; LAGES 2025, p. 261)

Uma situação irreal (não atual) é uma alternativa (fictícia), um pedaço de como as coisas poderiam (ou não poderiam) ser, mas não são. Situações irreais são sempre relativas

13 Para os leitores e leitoras interessadas, vale dizer que as regras paraconsistentes e paracompletas em questão são equivalentes àquelas de FDE, *First Degree Entailment*. Para uma apresentação introdutória de FDE, recomendo Priest (2008).

14 Cf. Barwise & Perry (1999), Barwise (1989) e Perry (1986).

às situações reais. Por exemplo, é atualmente falso que as Potências do Eixo tenham vencido a Segunda Guerra, mas em situações alternativas (como exploradas no famoso romance de Philip K Dick, *O Homem do Castelo Alto*) isto aconteceu. Situações irreais são fictícias no sentido de que são sempre relativas às situações irreais. Nas palavras de Eco (1995, p.82), “[t]his means that fictional worlds are parasites of the real world”. Claro, dentre as situações irreais, dentre os modos como poderíamos imaginar as situações reais alteradas, algumas situações, como a inversão da entropia ou a da Cúpula Redonda Quadrada do Berkeley College, as coisas são de um modo que não poderiam ser, são situações impossíveis.

Modos radicalmente diferentes de como as coisas não poderiam ser incluem situações ilógicas, situações onde se violam as regras lógicas, obedecem outras lógicas ou mesmo nenhuma lógica. Estas seriam as situações paranormais. Um exemplo de situação anormal seria aquela onde nada existe e nada é verdadeiro, se, como parece evidente pelo que disse antes, o nada for uma impossibilidade lógica. Vale destacar, quando falo em violações lógicas aqui, estou pressupondo LIT e não a Lógica Clássica. Entretanto, o conjunto vazio como um conjunto de sentenças fechado sob consequência lógica é, mesmo no sentido clássico, logicamente impossível. Ou seja, o nada seria uma situação paranormal.

Finalmente, um mundo é uma situação completa, uma situação que inclui, para qualquer sentença A, A ela mesma, ou a sua negação ($\neg A$). Mundos são exaustivamente informativos, é como se Deus (caso existisse) veria como as coisas são, pois agentes informacionais situados estão restritos pelo seu tipo de ajuste (afinação, sintonia) ao ambiente, o que decorre do seu aparato perceptual, seus mecanismos de extração de informações, sua localização espaço-tempo e seus propósitos para ação. Um resultado importante de LIT, que não poderei demonstrar aqui, é que todos os mundos são situações impossíveis. Isso se deve às limitações impostas pelos paradoxos mencionados anteriormente, mesmo quando adotamos uma lógica paraconsistente e para completa.¹⁵ Vale destacar, a impossibilidade de mundos parece inviabilizar a possibilidade de Deus e, portanto, mesmo afirmações como “Deus é onisciente” seriam classificadas aqui como verdades impossíveis.¹⁶

Finalmente, vamos à verdade. A definição de verdade que irei introduzir em seguida é inspirada na concepção de Austin (1950). Novamente, trata-se de um uso inspirado e não em uma mera interpretação acurada da concepção de Austin. Nas palavras de Austin:

[...] there must be two sets of conventions:-

Descriptive conventions correlating the words (=sentences) with the types of situation, thing, event, etc., to be found in the world.

Demonstrative conventions correlating the words (=statements) with the historic situations, etc., to be found in the world.

15 Uma lógica é para completa se nela não vale irrestritamente o Princípio do Terceiro Excluído, ou seja, que para qualquer sentença A, é sempre verdadeiro que A ou $\neg A$. Uma demonstração em detalhes da impossibilidade de mundos pode ser encontrada em Cardoso (2024).

16 Uma discussão aprofundada sobre as consequências de LIT para a existência e a possibilidade de Deus, pode ser encontrada em Cardoso; Miranda (2021).

A statement is said to be true when the historic state of affairs to which it is correlated by the demonstrative conventions (the one to which it “refers”) is of a type with which the sentence used in making it is correlated by the descriptive conventions. (AUSTIN, 1950, pp. 115-116)

Assim, para Austin, a verdade é feita de palavras e situações, mas as palavras (sentenças e declarações) se relacionam com o mundo (situações) por meio de dois tipos de convenções, declarativas (aquelas associadas pelo significado das palavras) e demonstrativas (aquelas associadas pelo uso das palavras em contextos situados). Suponha, por exemplo, que Max e Claire estejam jogando uma partida de cartas, enquanto assistem simultaneamente a uma partida de futebol na TV. Em uma primeira situação, Max olha para suas cartas e diz “o jogo acabou”. Na segunda situação, Max se distrai das cartas, olha para a TV e diz “o jogo acabou”. Parece claro que ele diz coisas distintas nas duas situações. Na primeira, Max se refere, diz respeito, ao jogo de cartas, enquanto na segunda ele diz respeito à partida de futebol. As declarações em questão classificam situações particulares (históricas) distintas, sua verdade ou falsidade dependem de classificarem corretamente ou não a situação referida (demonstrada) por meio da sentença utilizada, por meio da situação-tipo descrita pelo significado das palavras.

Minha proposta aqui consiste em alargar a concepção Austiniana de verdade pela inclusão de situações irreais. Assim, podemos classificar situações particulares irreais verdadeiramente, produzindo verdades irreais, verdades impossíveis e até mesmo contradições verdadeiras, mas como todas as situações reais são possíveis e consistentes, nenhuma verdade impossível é realmente verdadeira e nenhuma contradição verdadeira é realmente verdadeira, no sentido de que tais verdades classificam corretamente apenas situações irreais. Formularei minha definição, entretanto, em termos de proposições, situações e sentenças, nos termos que foram anteriormente introduzidos para LIT.

Uma proposição p é qualquer par (s, A) , onde s é uma situação e A é uma sentença.

1. $p = (s, A)$ é verdadeira sse A é satisfeita por s .
2. $p = (s, A)$ é falsa sse $\neg A$ é satisfeita por s .
3. $p = (s, A)$ é $[C]$ verdadeira sse p é verdadeira e s é uma situação da categoria C .
4. $p = (s, A)$ é $[C]$ falsa sse p é falsa e s é uma situação da categoria C .¹⁷

Por exemplo, suponha que s_1 é real (R) e s_2 é irreal (-R). Suponha ainda que s_1 satisfaz A e que s_2 satisfaz $\neg A$. Assim, $p_1 = (s_1, A)$ é realmente verdadeira ([R] verdadeira), enquanto $p_2 = (s_2, A)$ é [-R] falsa e $p_3 = (s_2, \neg A)$ é [-R] verdadeira. Suponha agora que s_3 é a união de s_1 com s_2 (uma situação irreal, pois resulta da união de uma situação real com outra irreal). Assim, p_4

17 Onde $[C]$ é o advérbio respectivo da modalidade de verdade associada à categoria de situações C .

$= (s_3, A \ \& \ \neg A)$ é [-R] verdadeira. Neste caso, s_3 é não apenas irreal, mas impossível [-P]. Não podemos dizer com isso que s_3 seja anormal [-N], pois contradições são apenas impossíveis em LIT e não anormais. Dada a paraconsistência de LIT, uma situação impossível normal pode ser inconsistente sem ser trivial. Suponha, entretanto, que s_4 satisfaz $A \ \& \ \neg A$ mas que s_4 não satisfaz A . Assim, s_4 não obedece LIT (não é fechada sob consequência LIT) e é anormal. Assim, $p_5 = (s_4, A \ \& \ \neg A)$ é [-N] verdadeira.

Com essa definição, podemos finalmente caracterizar proposições verdadeiras sobre a Cúpula Redonda Quadrada do Berkeley College, sobre o Mentiroso, sobre Deus, sobre o mundo onde a entropia foi invertida, sobre a Escada de Penrose, sobre o Nada e muitas outras bizarrices a que somos sujeitos pelo nosso potencial imaginativo incrivelmente superior aos limites impostos pelo Princípio de Hume.

2 DIALETEÍSMO, INEFABILIDADE E VERDADES IMPOSSÍVEIS

A representação de situações impossíveis, a existência de ficções impossíveis e os paradoxos anteriormente apresentados têm sido explorados como argumentos para a tese de que algumas contradições são verdadeiras.¹⁸ Como disse antes, expressa em tais termos, a tese é conhecida como Dialeteísmo. A meu ver, os dialeteístas estão parcialmente corretos. Penso que expressa em tais termos, a tese é irrecusável, pois, como afirmei inicialmente, defendo que a perspectiva Meinonguiana dos objetos captura importantes intuições acerca da linguagem natural e da nossa concepção natural de verdade. Como tenho insistido, é verdade que cada degrau da escada de Penrose seja mais alto do que ele mesmo, é verdade que a sentença do mentiroso seja verdadeira e também não verdadeira, etc. A meu ver, entretanto, uma negligência modal impede que estejamos aptos a recusar o Dialeteísmo, mesmo mantendo a perspectiva Meinonguiana, a negligência de não se distinguir entre verdadeiro e realmente verdadeiro, como seríamos forçados a distinguir, se aceita minha proposta de alargar modalmente o bidimensionalismo Austiniano em termos modais.

Uma família de teses concorrentes ao Dialeteísmo pode ser identificada como Inefabilismo. Segundo os inefabilistas, as contradições a que somos levados inevitavelmente pelos paradoxos semânticos, a tentativa de falar consistentemente sobre Deus, sobre o mundo, sobre a verdade, sobre o tempo, etc. decorrem de limites intransponíveis da nossa linguagem e dos nossos esquemas conceituais. Uma tese que entendo como inefabilista foi apresentada por Grim (1991) e é emblematicamente ilustrada por um argumento que ficou conhecido como Paradoxo de Grim. Vejamos esse paradoxo.

Trata-se de uma prova, por redução ao absurdo, de que não pode haver tal coisa como o conjunto (totalidade completa) de todas as verdades. Suponha que haja o conjunto de todas as verdades V . Ora, podemos expressar ao menos uma verdade para cada subconjunto de V . Por exemplo, se Δ é subconjunto de V , ou é verdadeiro que o conjunto vazio pertence a Δ ou é verdadeiro que o conjunto vazio não pertence a Δ , o que nos daria ao menos uma verdade

18 Por exemplo, Priest (2006, 1999 e 2016) e Beall (2009).

sobre Δ . Podemos repetir a mesma pergunta para cada subconjunto de V e teremos ao menos uma verdade para cada subconjunto de V . Entretanto, pelo Teorema de Cantor, devem existir mais subconjuntos de V do que elementos de V , e, portanto, deveriam existir mais verdades do que aquelas incluídas no conjunto de todas as verdades, absurdo. Logo, não pode existir o conjunto de todas as verdades.

Familiarizados com a Lógica irão certamente reconhecer que este argumento é uma aplicação do Método Diagonal de Cantor. Tal método está diretamente associado, em termos técnicos, aos paradoxos mencionados neste artigo, mas a conclusão extraída por Grim de tal resultado tem um sabor filosófico.¹⁹ O ponto é que o conceito de verdade, assim como o conceito de mundo e muitos outros são conceitos essencialmente incompletos. A verdade e o mundo não são coisas terminadas, não podemos consistentemente falar sobre a verdade e sobre o mundo como algo completo. Nesse sentido, as contradições estão ligadas às nossas limitações expressivas, não seriam contradições verdadeiras, mas indícios dos limites da nossa linguagem.²⁰

Novamente, concordo parcialmente com a avaliação de Grim, mas insisto na negligência modal entre verdadeiro e realmente verdadeiro. O resultado estabelecido em LIT, anteriormente mencionado, segundo o qual todos os mundos são inconsistentes, a meu ver, espelha a tese de Grim, mundos são inconsistentes (e, portanto, impossíveis), não podemos falar consistentemente sobre o mundo como um todo. Nesse sentido, mundos são como ficções. Mas não classifico minha posição como inefabilista, pois entendo que seja corriqueiro ficcionalizar mundos e classificá-los acuradamente. Quando falamos sobre quadrados redondos, escadas de Penrose, Deus e outros cenários impossíveis, podemos falar verdadeiramente sobre tais cenários e não apenas de um modo trivial. Isso demonstra que nossa capacidade imaginativa extrapola os limites da possibilidade, que sejamos capazes de pensar, raciocinar e significar para além dos limites daquilo que é possível, o que parece inclusive indispensável para o próprio reconhecimento dos limites da possibilidade.

Assim, a Lógica das Verdades Impossíveis, partindo do pressuposto Meinonguiano sobre a independência da verdade em relação ao ser e introduzindo uma distinção modal entre verdadeiro e realmente verdadeiro, permite avaliar algumas proposições como impossivelmente verdadeiras, sem cair no Dialeteísmo, mas sem levar a uma visão simplesmente inefabilista sobre as verdades impossíveis, trata-se antes de uma interpretação meinonguiana-ficcionalista da paraconsistência.

19 Uma exposição detalhada de tais resultados técnicos pode ser encontrada em Cardoso (2018).

20 Vale observar que Priest defende uma posição semelhante em Priest (1995), entretanto, o inefabilismo é mais frequentemente associado ao Dialeteísmo semântico e Priest (2006) insiste no Dialeteísmo Metafísico. Dummett também esboçou uma conclusão parecida em Dummett (1963) como lição filosófica a ser extraída dos teoremas de incompletude de Gödel. Em termos Dummettianos, verdade é um conceito indefinidamente extensível.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, John L. (1950). "Truth". In: BLACKBURN, Simon.; SIMMONS, Keith. (eds.) *Truth*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BARWISE, Jon. *The Situation in Logic*. Stanford, CA: CSLI Publications, 1989.
- BARWISE, Jon.; PERRY, John. *Situations and Attitudes*. 2nd ed. Stanford, CA: CSLI Publications, 1999.
- BEALL, James Collins. *Spandrels of Truth*. Oxford: Clarendon Press, 2009.
- BERTO, Francesco; FRENCH, R.; PRIEST, G.; RIPLEY, D. *Williamson on Counterpossibles*. *Journal of Philosophical Logic*, v. 47, n. 4, p. 693-713, 2018.
- BJERRING, J. C. K. "On Counterpossibles." *Philosophical Studies*, n.168 (2), p. 1-27, 2013.
- CARDOSO, G. Impossible Truths: A Non-dialetheist Paraconsistent Approach to Paradoxes. In: PETROLLO, M.; VENTURI, G. (eds.). *Paradoxes Between Truth and Proof*. Springer: Synthese Library, Dordrecht, v. 494, p. 109-130, 2024.
- CARDOSO, G.; LAGES, F. The Fictional Guide to Impossible Truths. *Principia: An International Journal of Epistemology*, v. 29, p. 255-276, 2025.
- CARDOSO, Guilherme. *O Paradoxo do Mentiroso: Uma introdução*. Campinas: Coleção CLE, v. 83, 2019.
- CARDOSO, Guilherme.; MIRANDA, Sérgio. Should God believe the Liar? A non-dialetheist paraconsistent approach to God's omniscience. *Manuscrito: Revista Internacional de Filosofia*, v. 44, n. 4, p. 1-28, 2021.
- DUMMETT, Michael A. The philosophical significance of Gödel's Theorem. *Ratio*, p. 186-214, 1963. Londres: Duckworth, 1963.
- ECO, Umberto. *Six Walks in the Fictional Woods*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1995.
- FREGE, Gottlob. Sobre o Sentido e a Referência. In: _____. *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Edusp, 2009.
- GRIM, Patrick. *The Incomplete Universe: Totality, Knowledge, and Truth*. Cambridge, MA: MIT Press, 1991.
- HAACK, Susan. *Filosofia das Lógicas*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- HUME, David. *Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- LEWIS, David. *Counterfactuals*. Oxford: Basil Blackwell, 1973.
- LIGHTMAN, Alan. *Sonhos de Einstein*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- MARES, Edwin. Semantic Dialetheism. In: PRIEST, G.; BEALL, J. C.; ARMOUR-GARB, B. (eds.). *The Law of Non-Contradiction: New Philosophical Essays*. Oxford: Clarendon Press, 2004. p. 264-275.
- MEINONG, Alexius. Sobre a Teoria do Objeto. In: *Três Aberturas em Ontologia: Frege, Twardowski e Meinong*. Florianópolis: Rocca Brayde Edições, 2005.
- NOLAN, Daniel. Impossible worlds: a modest approach. *Notre Dame Journal of Formal Logic*, v. 38, n. 4, p. 535-572, 1997.
- PRIEST, Graham. *An Introduction to Non-Classical Logic: From If to Is*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

- PRIEST, Graham. *Beyond the Limits of Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- PRIEST, Graham. *In Contradiction: A Study of the Transconsistent*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- PRIEST, Graham. Perceiving contradictions. *Australasian Journal of Philosophy*, v. 77, n. 4, p. 439-446, 1999.
- PRIEST, Graham. Thinking the Impossible. *Philosophical Studies*, v. 173, n. 10, p. 2649-2662, 2016.
- RUSSELL, Bertrand. On Denoting. *Mind*, v. 14, n. 4, p. 479-493, 1905.
- STALNAKER, Robert. A Theory of Conditionals. In: RESCHER, N. (ed.). *Studies in Logical Theory*. American Philosophical Monograph Series, n. 2. Oxford: Basil Blackwell, 1968. p. 98-112.
- TARSKI, Alfred. O Conceito de Verdade nas Linguagens Formalizadas. In: _____. *A Concepção Semântica da Verdade: Textos Clássicos de Tarski*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

Artigo enviado em 30.10.2025 e aprovado em 12.11.2025.

Guilherme Araújo Cardoso: Doutor (2016) em Filosofia pela UFMG na linha de Lógica, Ciência, Mente e Linguagem. Líder do grupo de pesquisa com registro CNPQ, o “Lógica Ladeira Abaixo” Professor de Filosofia na Universidade Federal de Ouro Preto. Orcid: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0003-0045-8508>; E-mail: guilherme.cardoso@ufop.edu.br

Endereço: Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Filosofia Artes e Cultura, Departamento de Filosofia e Cultura. Rua Coronel Alves, 55. Centro 35400000 - Ouro Preto, MG – Brasil.

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Dr. Daniel De Luca / Dra. Patrícia Reis